

HA-JOON CHANG

Economia: modo de usar

*Um guia básico dos principais
conceitos econômicos*

TRADUÇÃO

Isa Mara Lando
Rogério Galindo



POR
TFO
LIO
PENGUIN

Copyright © 2014 by Ha-Joon Chang

A Portfolio-Penguin é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

PORFOLIO and the pictorial representation of the javelin thrower are trademarks of Penguin Group (USA) Inc. and are used under license. PENGUIN is a trademark of Penguin Books Limited and is used under license.

TÍTULO ORIGINAL Economics: The User's Guide

CAPA Thiago Lacaz

FOTO DE CAPA Stefano Marra

PROJETO GRÁFICO Tamires Cordeiro

PREPARAÇÃO Flavia Lago

ÍNDICE REMISSIVO Luciano Marchiori

REVISÃO Carmen T. S. Costa e Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chang, Ha-Joon

Economia: modo de usar — Um guia básico dos principais conceitos econômicos / Ha-Joon Chang ; tradução Isa Mara Lando, Rogério Galindo. — 1^a ed. — São Paulo : Portfolio-Penguin, 2015.

Título original: Economics: The User's Guide.

ISBN 978-85-8285-015-2

1. Economia 1. Título.

15-02375

CDD-330

Índice para catálogo sistemático:

1. Economia 330

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.portfolio-penguin.com.br

atendimentoaoeditor@portfolio-penguin.com.br

SUMÁRIO

Agradecimentos 9

PRÓLOGO

Por que se incomodar? Por que você precisa aprender economia? 13

INTERLÚDIO I

Como ler este livro 19

PRIMEIRA PARTE: ACOSTUME-SE

1. A vida, o universo e tudo mais: o que é a economia? 25
2. Do alfinete à senha numérica: o capitalismo em 1776 e em 2014 37
3. Como foi que chegamos aqui? Uma breve história do capitalismo 51
4. Que desabrochem cem flores: como “fazer” economia 105
5. Os personagens do drama: quem são os atores econômicos? 159

INTERLÚDIO II

Seguindo em frente... 187

SEGUNDA PARTE: UTILIZAÇÃO

6. “Quanto vocês querem que seja?” Produção, renda e felicidade 193
7. Como cresce o seu jardim? O mundo da produção 219
8. Problemas no Banco Fiduciário Fidelity: finanças 253
9. Eu quero que a cabra do Boris morra: desigualdade e pobreza 287
10. Eu conheci gente que já trabalhou: trabalho e desemprego 313
11. Leviatã ou o rei filósofo? O papel do Estado 341
12. “Todas as coisas em prolífica abundância”: a dimensão internacional 367

EPÍLOGO

E agora? Como podemos usar a economia para tornar nosso mundo melhor? 407

Notas 419

Índice remissivo 439

PRIMEIRA PARTE

Acostume-se

CAPÍTULO 1

A vida, o universo e tudo mais

O QUE É A ECONOMIA?

O que é a economia?

Um leitor que não esteja familiarizado com o assunto poderia imaginar que é o estudo das condições econômicas. Afinal, a química é o estudo dos elementos químicos, a biologia é o estudo dos seres vivos, a sociologia é o estudo da sociedade; portanto, a economia deve ser o estudo da atividade econômica.

Mas segundo alguns livros de economia dos mais populares da nossa época, a economia é muito mais que isso. Segundo eles, a economia trata da Pergunta Final — “A vida, o universo e tudo mais” como diz *O guia do mochileiro das galáxias*, uma comédia de ficção científica de Douglas Adams, adaptada para o cinema em 2005, com Martin Freeman, o Hobbit, no papel principal.

Segundo Tim Harford, jornalista do *Financial Times* e autor do best-seller *The Undercover Economist* [O economista secreto], a economia trata da vida — e o nome que ele deu ao seu segundo livro é *A lógica da vida*.

Até agora nenhum economista afirmou que a economia pode explicar o universo. O universo continua sendo, por enquanto, o terreno dos físicos, que há séculos servem de modelo para a maioria

dos economistas, no desejo de fazer do seu tema uma verdadeira ciência.*

Mas alguns economistas chegaram perto disso — já afirmaram que a economia trata do “mundo”. Por exemplo, o subtítulo do segundo volume da série popular *O naturalista da economia* de Robert Frank é *Como a economia ajuda a fazer sentido no seu mundo*. Depois, há também o “tudo”. O subtítulo de *A lógica da vida* é *Descobrindo a nova economia em tudo*. Segundo o subtítulo de *Freakonomics*, de Steven Levitt e Stephen Dubner — provavelmente o livro de economia mais conhecido do nosso tempo —, o estudo explora *O lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta*. Robert Frank concorda, embora seja muito mais modesto na sua afirmação. No subtítulo do seu primeiro livro da série *O naturalista da economia*, ele disse apenas *Por que a economia explica quase tudo* (grifo meu).

Sendo assim, lá vamos nós. A economia trata (quase) da vida, do universo e de tudo mais.**

Quando pensamos nisso, essa é uma alegação e tanto vinda de uma disciplina que tem falhado espetacularmente naquilo que a maioria dos não economistas acha que é a sua principal tarefa, ou seja, explicar a economia.

No período que antecedeu a crise financeira de 2008, a maioria dos economistas pregava que os mercados raramente erram e que a economia moderna encontrou maneiras de alisar aquelas poucas rugas que os mercados podem ter; Robert Lucas, ganhador do prêmio Nobel de economia de 1995,*** havia declarado em 2003 que o “problema de prevenção da depressão foi resolvido”.³

* Isso é conhecido como “inveja da física”.

** Aliás, isso deve facilitar muito o trabalho dos economistas, porque nós já sabemos a resposta à pergunta final: a resposta é 42. Mas vamos deixar esse assunto de lado por enquanto.

*** O prêmio Nobel de economia não é um verdadeiro prêmio Nobel. Ao contrário dos prêmios Nobel originais (física, química, fisiologia, medicina, literatura e paz), criados pelo industrial sueco Alfred Nobel no final do século XIX, o prêmio de economia foi criado pelo Banco Central Sueco (Sveriges Riksbank) em 1968, e portanto é chamado oficialmente de prêmio Sveriges Riksbank em ciências econômicas em memória de Alfred Nobel.

Assim, grande parte dos economistas foi apanhada totalmente de surpresa pela crise financeira global de 2008.* Não só isso, eles também não têm conseguido apresentar soluções decentes para os desdobramentos ainda em curso dessa crise.

Em vista de tudo isso, a economia parece sofrer de um sério caso de megalomania — como é possível uma disciplina que não consegue nem mesmo explicar muito bem a sua própria área ter a pretensão de explicar (quase) tudo?

Os estudos econômicos são a análise das escolhas racionais humanas...

Você pode pensar que estou sendo injusto. Afinal, todos esses livros não visam ao mercado de massa, onde a competição por leitores é feroz e, portanto, os editores e os autores são tentados a exagerar as coisas? Certamente você poderia pensar que um discurso acadêmico sério não iria fazer uma afirmação tão grandiosa, alegando que sua disciplina trata de “tudo”.

É verdade que esses títulos *são* sensacionalistas. Mas o interessante é que são sensacionalistas de uma determinada maneira. O exagero poderia ter sido algo na linha de “como os estudos econômicos explicam tudo sobre a economia”, mas em vez disso, são do tipo “como os estudos econômicos podem explicar não apenas a economia mas todo o resto também”.

Os exageros ocorrem devido à maneira como a escola atualmente dominante da economia, isto é, a chamada escola neoclássica, define os estudos econômicos. A definição neoclássica padrão de estudos econômicos, variantes da qual ainda são usadas, é dada no livro de Lionel Robbins de 1932, *Um ensaio sobre a natureza e a importância da ciência econômica*. No livro, Robbins define os estudos

* Mas isso não teria surpreendido o falecido John Kenneth Galbraith (1908-2006), que disse certa vez, fazendo blague, que “a única função das previsões econômicas é tornar a astrologia respeitável”.

econômicos como “a ciência que estuda o comportamento humano como uma relação entre fins e meios escassos que têm usos alternativos”. Nessa visão, a economia é definida pela sua abordagem teórica, e não pelo seu tema. A economia é um estudo da *escolha racional*, isto é, da escolha feita com base num cálculo deliberado, sistemático, de até que ponto os fins podem ser satisfeitos usando meios inevitavelmente escassos. O objeto do cálculo pode ser qualquer coisa — casar, ter filhos, o crime ou o vício em drogas, assunto sobre o qual escreveu Gary Becker, famoso economista de Chicago e vencedor do prêmio Nobel de economia de 1992 — e não apenas questões “econômicas” como os não economistas iriam defini-las, tais como emprego, dinheiro ou comércio internacional. Quando Becker intitulou seu livro de 1976, *The Economic Approach to Human Behaviour* [Abordagem econômica do comportamento humano], ele estava de fato declarando, sem sensacionalismo, que a economia realmente trata de “tudo”.

Essa tendência de aplicar a abordagem econômica a tudo, chamada pelos seus críticos de “imperialismo da economia”, atingiu seu ápice recentemente em livros como *Freakonomics*. Muito pouco do *Freakonomics* trata realmente de questões econômicas tal como a maioria das pessoas iria defini-las. O livro fala sobre lutadores japoneses de sumô, professoras primárias americanas, traficantes de Chicago, participantes do programa de perguntas de TV *The Weakest Link*, corretores de imóveis e a Ku Klux Klan.

A maioria dos leitores iria pensar (e os autores também reconhecem) que nenhuma dessas pessoas, exceto os corretores de imóveis e os traficantes, tem a ver com a economia. Mas do ponto de vista da maioria dos economistas de hoje, a maneira como os lutadores de sumô conspiram para ajudar uns aos outros, ou como os professores americanos falsificam as notas dos seus alunos para melhorar sua avaliação no emprego são temas tão legítimos da economia como discutir se a Grécia deve continuar na zona do euro, a disputa da Samsung e da Apple pelo mercado de smartphones ou como reduzir o desemprego dos jovens na Espanha (que está em mais de 55% no momento em que escrevo). Para esses economistas, essas ques-

tões “econômicas” não têm posição privilegiada na economia; são apenas parte das muitas coisas (ah, esqueci, parte de “tudo”) que a economia pode explicar, porque definem o assunto em termos da sua abordagem teórica, e não do seu objeto de estudo.

... ou são o estudo da economia?

Uma definição alternativa óbvia dos estudos econômicos, que venho implicando aqui, é que eles são o estudo da economia. Mas, afinal, *o que é economia?*

Economia trata do dinheiro — mas será mesmo?

A resposta mais intuitiva para a maioria dos leitores pode ser que a economia trata de qualquer coisa que tenha a ver com o dinheiro — não tê-lo, ganhá-lo, gastá-lo, ficar sem ele, guardá-lo, tomá-lo emprestado, pagar o empréstimo. Isso não está 100% certo, mas é um bom ponto de partida para pensar sobre a economia — e os estudos econômicos.

Agora, quando dizemos que a economia trata do dinheiro, não estamos realmente falando do dinheiro físico. O dinheiro físico — seja em notas, moedas de ouro ou enormes pedras, praticamente impossíveis de mover, que eram usadas como dinheiro em algumas ilhas do Pacífico — é apenas um símbolo. O *dinheiro* é um símbolo daquilo que outras pessoas devem a você, ou daquilo que você reivindica como seu direito a determinadas quantidades dos recursos da sociedade.⁴

A maneira como o dinheiro e os outros direitos financeiros — tais como ações, derivativos e outros produtos financeiros complexos, que explicarei em capítulos posteriores — são criados, vendidos e comprados constitui uma enorme área da economia, chamada economia financeira. Hoje em dia, em vista da predominância da indústria financeira em muitos países, muita gente crê que economia equivale à economia financeira; mas, na verdade, esta é apenas uma pequena parte da economia.

O seu dinheiro — ou os direitos que você reivindica sobre os re-

cursos — pode ser gerado de diversas maneiras. E grande parte dos estudos econômicos trata (ou deveria tratar) dessas maneiras.

A maneira mais comum de obter dinheiro é ter um emprego

A maneira mais comum de obter dinheiro — a menos que você tenha nascido numa família com dinheiro — é ter um emprego (incluindo ser seu próprio patrão) e ganhar dinheiro com isso. Sendo assim, grande parte da economia trata dos *empregos*. Podemos refletir sobre os empregos a partir de diferentes perspectivas.

O emprego pode ser entendido do ponto de vista do trabalhador individual. Se você consegue ou não um emprego e quanto você recebe por ele depende das habilidades que você possui e da demanda que existe para elas. Você pode obter um salário altíssimo porque tem habilidades muito raras, como Cristiano Ronaldo, o jogador de futebol. Você pode perder seu emprego (ou ficar desempregado) porque alguém inventa uma máquina capaz de fazer o que você faz cem vezes mais rápido — como aconteceu com o sr. Bucket, o pai de Charlie, que fechava as tampinhas nos tubos de pasta de dente, no filme *A fantástica fábrica de chocolate* (2005), versão do livro de Roald Dahl.* Ou então você tem que aceitar um salário mais baixo ou piores condições de trabalho porque sua empresa está perdendo dinheiro, devido a importações mais baratas, digamos da China, e assim por diante. Portanto, para poder compreender os empregos mesmo em nível individual, precisamos nos informar sobre as qualificações, a inovação tecnológica e o comércio internacional.

Os salários e as condições de trabalho também são profundamente afetados por decisões “políticas” que mudam a própria abrangência e as características do mercado de trabalho (escrevi “políticas” entre aspas porque, no fim das contas, o limite entre economia e política é indistinto, mas isso é um assunto que fica para depois — veja o capítulo 11). A adesão dos países do Leste à União Europeia vem

* No livro, o sr. Bucket perde o emprego porque a fábrica faliu, e não porque ela comprou uma máquina para substituí-lo.

tendo um enorme impacto sobre os salários e o comportamento dos trabalhadores da Europa ocidental, ao ampliar repentinamente a oferta de mão de obra nos seus mercados de trabalho. As restrições ao trabalho infantil no final do século XIX e início do XX teve o efeito oposto, de diminuir a faixa de mão de obra disponível — de repente, uma grande proporção dos possíveis empregados foi excluída do mercado de trabalho. As normas sobre horas de trabalho, condições e salário mínimo são exemplos menos dramáticos de decisões “políticas” que afetam nossos empregos.

Há também muitas transferências de dinheiro ocorrendo na economia

Além de manter um emprego, você pode obter dinheiro através de *transferências* — ou seja, simplesmente receber dinheiro. Isso pode ocorrer tanto sob a forma de dinheiro vivo ou “em espécie”, ou seja, com o fornecimento direto de determinados bens (por exemplo, alimentos) ou serviços (por exemplo, educação primária). Seja em dinheiro ou em espécie, essas transferências podem ser feitas de diversas maneiras.

Existem transferências feitas por “pessoas que você conhece”. Os exemplos incluem o sustento dos pais aos filhos, as pessoas que cuidam de familiares idosos, os presentes de membros da comunidade local, digamos para o casamento da sua filha.

Há também as doações de caridade, ou seja, transferências voluntárias feitas para estranhos. As pessoas — às vezes individualmente, às vezes coletivamente (por exemplo, através de empresas ou de associações de voluntários) — doam para instituições de caridade que ajudam os outros.

Em termos de quantidade, as doações ficam atrás, em muitas ordens de grandeza, das transferências feitas através dos governos, que cobram impostos de algumas pessoas para subsidiar outras. Assim, grande parte da economia trata, naturalmente, dessas coisas — ou seja, das áreas da economia conhecidas como economia pública.

Mesmo em países muito pobres há alguns esquemas governa-

mentais para dar dinheiro ou bens em espécie (por exemplo, cereais gratuitos) para os que estão nas piores posições (por exemplo, idosos, deficientes, miseráveis). Mas as sociedades mais ricas, em especial da Europa, têm esquemas de transferência muito mais abrangentes e mais generosos nas quantidades. Isso é conhecido como *estado de bem-estar social* e se baseia na *tributação progressiva* (os que ganham mais pagam uma parte proporcionalmente maior da sua renda em impostos) e nos *benefícios universais* (em que todos, não apenas os mais pobres ou os deficientes, têm direito a uma renda mínima e aos serviços básicos, tais como educação e atendimento à saúde).

Os recursos obtidos ou transferidos são consumidos em bens ou serviços

Uma vez que você ganha acesso aos recursos, seja por meio de um emprego ou de transferências, você passa a consumi-los. Como somos seres humanos, precisamos consumir certa quantidade mínima de alimentos, roupas, energia, habitação e outros *bens* para satisfazer as nossas necessidades básicas. E então consumimos outros bens para necessidades mentais “superiores” — livros, instrumentos musicais, equipamentos de ginástica, televisores, computadores e assim por diante. Também compramos e consumimos *serviços* — uma viagem de ônibus, um corte de cabelo, um jantar num restaurante ou até mesmo férias no exterior.⁵

Assim, boa parte dos estudos econômicos é dedicada ao estudo do *consumo* — de que maneira as pessoas alocam dinheiro entre diferentes tipos de bens e serviços, como escolhem entre variedades concorrentes do mesmo produto, como são manipuladas e/ou informadas pela publicidade, como as empresas gastam dinheiro para construir sua “imagem da marca” e assim por diante.

Em última análise, os bens e serviços têm de ser produzidos

Para que possam ser consumidos, esses bens e serviços precisam ser, em primeiro lugar, produzidos — os bens em fazendas e fábri-

cas, os serviços em escritórios e lojas. Esse é o domínio da *produção* — uma área da economia que tem sido bastante negligenciada desde que a escola Neoclássica, que ressalta a troca e o consumo, passou a predominar, na década de 1960.

Nos livros didáticos de economia, a produção aparece como uma “caixa preta”, na qual, de alguma forma, certas quantidades de *trabalho* (feito pelos seres humanos) e de *capital* (máquinas e ferramentas) são combinadas para produzir os bens e os serviços. Pouco se reconhece que a produção consiste em muito mais do que combinar algumas quantidades abstratas chamadas trabalho e capital e envolve acertar em muitos fatores práticos. E estas são coisas que a maioria dos leitores não associa aos estudos econômicos, apesar da sua importância fundamental para a economia: como a fábrica se organiza fisicamente, como controlar os trabalhadores ou lidar com os sindicatos, como melhorar sistematicamente as tecnologias utilizadas, por meio da pesquisa.

Grande parte dos economistas fica feliz em deixar o estudo dessas coisas para “outras pessoas” — engenheiros e gerentes. Mas, pensando bem, a produção é a base essencial de qualquer economia. Com efeito, as mudanças na esfera da produção geralmente têm sido as causas mais poderosas de mudança social. O nosso mundo moderno foi constituído por uma série de mudanças nas tecnologias e nas instituições relativas à esfera da produção que foram feitas desde a Revolução Industrial. A profissão de economista, e todos nós cuja visão da economia provém dos estudos econômicos, precisamos dar muito mais atenção à produção do que ocorre atualmente.

Considerações finais: os estudos econômicos como a análise da economia

Creio que os estudos econômicos não devem ser definidos em termos da sua metodologia, nem da sua abordagem teórica, mas de seu objeto de estudo, como acontece com todas as outras disciplinas.

O tema dos estudos econômicos deveria ser a economia — a qual envolve dinheiro, trabalho, tecnologia, comércio internacional, impostos e outras coisas relativas às formas como produzimos bens e serviços, distribuímos os rendimentos gerados nesse processo e consumimos as coisas assim produzidas — em vez de “a vida, o universo e tudo mais” (ou “quase tudo”), como pensam muitos economistas.

Definir os estudos econômicos dessa maneira torna este livro diferente da maioria dos outros sobre o mesmo assunto de uma maneira fundamental.

Como eles definem os estudos econômicos em termos da sua metodologia, a maioria dos livros da área assume que existe apenas uma maneira correta de “praticar economia” — isto é, a abordagem neoclássica. Os piores exemplos nem sequer mencionam que existem outras escolas diferentes da neoclássica.

Ao definir os estudos econômicos em termos do seu assunto, este livro destaca o fato de que há muitas maneiras diferentes de praticar a economia, cada uma com suas ênfases, seus pontos cegos, seus pontos fortes e fracos. Afinal, o que queremos dos estudos econômicos é a melhor explicação possível de vários fenômenos econômicos, e não uma “prova” constante de que uma determinada teoria econômica pode explicar não apenas a economia, mas “tudo”.

DICAS DE LEITURA

- BACKHOUSE, R. *The Puzzle of Modern Economics: Science or Ideology?*
Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FINE, B.; MILONAKIS, D. *From Economics Imperialism to
Freakonomics: The Shifting Boundaries between Economics and the
Other Social Sciences.* Londres: Routledge, 2009.